Psicologias da religião na Europa*

GERALDO JOSÉ DE PAIVA**

1. Introdução; 2. O Centro de Psicologia da Religião de Lovaina; 3. A Unidade de Psicologia da Religião de Nijmegen; 4. Psicologia da Religião na Universidade de Uppsala; 5. A Psicologia da Religião da Escola de Dorpat e da Internationale Gesellschaft; 6. Definição de Psicologia da Religião; 7. Conclusão.

O artigo apresenta e discute quatro Escolas européias contemporâneas de Psicologia da Religião: Lovaina, Nijmegen, Uppsala e Dorpat. De cada uma retraça o histórico, o enfoque teórico e metodológico, as linhas de pesquisa e a definição de Psicologia da Religião. Todas as Escolas são, a seguir, comparadas em cada um dos itens acima, a fim de se estabelecer as semelhanças e as diferenças entre elas. Finalmente, compara-se a Psicologia da Religião européia no que tem de comum, com a Psicologia da Religião norte-americana.

1. Introdução

Pretendo abordar, neste artigo, três tópicos relativos à Psicologia da Religião: 1. algumas correntes ou Escolas européias de Psicologia da Religião; 2. semelhanças e diferenças entre essas correntes ou Escolas; 3. Psicologia da Religião na Europa e nos Estados Unidos.

1. Algumas correntes ou Escolas européias de Psicologia da Religião.

Os congressos Internacionais de Psicologia da Religião na Europa, que se realizam trienalmente desde 1979, refletem bastante bem a distribuição geográfica dessa disciplina. Distinguem-se três aglomerações maiores, na Bélgica, na Holanda e na Escandinávia, e alguns focos menores, na Grã-Bretanha, na Polônia, na França, na Suíça e na Alemanha Federal. É certo que a pesquisa na disciplina não se limita a esses países, haja vista aos estudos de Vianello, na Itália, de Bachs e Comas, na Espanha, de Selman, na Tchescoslováquia. O que congrega os vários centros, maiores ou menores, de pesquisa numa associação e em periódicos con-

* Reflexões a partir de um estágio de aperfeiçoamento, em nível de pós-doutorado, na Université Catholique de Louvain-la-Neuve, possibilitado por uma bolsa da Fapesp.

** Do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Cx. Postal 66.261, 05508 - São Paulo, SP.) (Artigo apresentado à Redação em: 28.11.89.)

gressos é a opção "pela natureza e pela metodologia de uma moderna psicologia empírica da religião" (Berger, 1980, p. 12). Essa citação precisa ser colocada em seu contexto histórico para, além de esclarecer a origem da associação, completar o mapeamento da disciplina.

Na opção por uma moderna psicologia empírica da religião está implícita uma posição crítica a uma Escola de psicologia da religião fundada no início do século em Dorpat – daí o nome, Escola de Dorpat – e continuada até nossos dias com o nome de Internationale Gesellschaft für Religionspsychologie. Essa Escola, cujo veículo de comunicação científica é o Archiv. für Religionspsychologie, notabilizou-se pela utilização do método de introspecção experimental sistemática, de Würzburg. Além disso, desenvolveu-se, muito naturalmente, dentro do molde epistemológico das Religions-wissens-chaften, nas quais o acento recai no caráter propriamente religioso do fenômeno estudado (Wulff, 1985*a*, 1985*b*). Com o abandono da introspecção como método de observação e com o desenvolvimento autônomo da psicologia como enfoque *sui juris* da realidade, muitos estudiosos não se sentiam à vontade na Internationale Gesellschaft e acabaram associando-se informalmente para a troca de informações e a discussão de pesquisas. A própria Internationale Gesellschaft se beneficiou com o posicionamento desses estudiosos e passou a acolher, em sua revista, contribuições situadas, no conteúdo e na forma, na linha mestra da psicologia. Embora os colaboradores do *Archiv* provenham de vários países europeus, julguei conveniente dar atenção aos herdeiros da Escola de Dorpat, porquanto constituem, certamente, uma das correntes mais constantes da psicologia européia da religião.

Penso que, além da corrente representada pela Internationale Gesellschaft, são três as tendências mais consolidadas, atualmente, da Psicologia da Religião das Universidades Católicas de Leuven e de Louvain-la-Neuve, na Bélgica; a do Departamento de Psicologia da Cultura e da Religião, da Universidade Católica de Nijmegen, na Holanda; a da Cadeira de Psicologia da Religião, da Faculdade de Teologia, da Universidade de Uppsala, na Suécia. O critério de destaque dessas três tendências é o institucional: inclusão numa Universidade, corpo estável de pesquisadores, linhas de pesquisa, publicações.

Na próxima seção tentarei delinear a fisionomia de cada uma das quatro correntes, atentando, na medida do possível, para os seguintes itens: histórico, enfoque teórico e metodológico, linhas de pesquisa, definição de Psicologia da Religião.

2. O Centro de Psicologia da Religião de Lovaina*

2.1 Histórico

O Centro de Psicologia da Religião foi criado, em fins dos anos 50, por A. Vergote, em correspondência ao interesse de J. Nuttin, graças a quem a psicologia se consolidou como curso e faculdade na Universidade belga. O Centro desde o início se encontrou na intersecção de poderosas influências acadêmicas, que o mantiveram em criativa tensão: de um lado, a antiga e prestigiada tradição teológica e a sólida presença da filosofia; de outro, a dinâmica pressão das ciências sociais e da lingüística. Além de prover disciplinas regulares para cursos de graduação, o Centro tem patrocinado mais de 300 pesquisas, como *mémoires* e teses de douto-

* Utilizo o vernáculo Lovaina quando me refiro indistinta ou conjuntamente a Leuven e a Louvain-la-Neuve.

ramento, e produziu dois textos magnos da psicologia da religião: Psychologie Religieuse (Vergote) e Religion, Foi, Incroyence: Etude psychologique (Vergote, 1983).

Com a divisão da Universidade, em 1970, o Centro também se dividiu, permanecendo a expressão flamenga em Leuven e instalando-se a expressão francesa em Louvain-la-Neuve. A direção atual do Centro está a cargo, respectivamente, de D. Hutsebaut e de J.-M. Jaspard.

2.2 Enfoque teórico e metodológico

O que me parece singular na epistemologia do Centro é a aliança entre a psicanálise, como referencial teórico, e a investigação empírica e positiva. Por certo, a psicanálise, nas chaves de Freud, Lacan e Szondi, se compõe naturalmente com a abordagem clínica e sintomática dos fenômenos religiosos: disso é ilustração o notável Dette et Désir, de Vergote (1978). Igualmente se combinam de maneira fácil a investigação empírica, v.g. através de questionários, escalas semânticas, testes piagetianos, e um referencial cognitivo: veja-se o estudo da representação de Deus em adolescentes de 12 a 15 anos (Hutsebaut & Verhoeven, 1989). O que o Centro tem produzido de mais original, no meu entender, são, no entanto, estudos em que há convergência entre o procedimento empírico e a interpretação analítica. Profils de non-croyance et représentation de Dieu e Some characteristics of God's figure as perceived by unbelievers (Bocquet, 1982 e 1986) são um exemplo. Outro exemplo dessa conjugação é o trabalho, laureado como Prêmio Qüinqüenal de Psicologia Científica da Religião, de A. Dumoulin e J.-M. Jaspard, Les médiations religieuses dans l'universe de l'enfant (1973). Um exemplo mais complexo, porque articula níveis teóricos distintos, é fornecido por Vergote e colaboradores em The Parental Figures and the Representation of God (Vergote & Tamayo, 1981), ao discutir as figuras simbólicas parentais e a representação de Deus, numa série de pesquisas que se utilizaram de um instrumento desenvolvido no Centro, o Semantic Differenctial Parental Scale.

2.3 Linhas de pesquisa

Ao longo de quase três decênios de trabalho foi-se constituindo um *corpus*, integrado por linhas inter-relacionadas de pesquisa que, como referi acima, produziram mais de 300 investigações. Em recente publicação, Hutsebaut (1987) apresenta as seguintes linhas: pesquisa longitudinal do desenvolvimento religioso nos anos pré-escolares; imagens parentais, relações parentais e atitude religiosa; atitude religiosa e representação de Deus; pesquisa da vida sacerdotal e religiosa; atitude em relação à figura de Cristo entre os adolescentes; simbolização religiosa através da linguagem e do ritual; religião e psiquiatria; religião e moralidade; situações existenciais e atitude para com Deus; experiência e orientação religiosa; religiosidade popular.

2.4 Definição de Psicologia da Religião

A Escola de Lovaina entende a religião como um dado revelado e como uma relação com o sobrenatural. A religião pode ser definida como um sistema simbólico, isto é, um conjunto inter-relacionado de representações, sinais, locuções, ações, experiências e comportamentos relativos ao sobrenatural, concretamente

vividos pela pessoa no interior de uma dada cultura. À psicologia incumbe trazer à luz significações e intenções latentes da religião vivida, e que por isso não são necessariamente claras à consciência e, além disso, pesquisar como essas significações e intenções se ligam umas às outras e se integram, ou não, à estrutura da personalidade. Do ponto de vista psicológico, fé e descrença são dois lados da mesma moeda.

3. A unidade de Psicologia da Religião, de Nijmegen

3.1 Histórico

A Unidade de Psicologia da Religião faz parte do subdepartamento de Psicologia da Cultura e da Religião, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica de Nijmegen. Conta atualmente com uma dezena de pesquisadores, coordenados por Jan van der Lans, que é quem tem se encarregado da organização dos quatro Congressos Internacionais dos Psicólogos da Religião na Europa, nos últimos doze anos. O grande nome, na origem da Psicologia da Religião na Holanda é o de Han Fortmann, cuja obra fundamental, "Als ziende de onzielijke: een cultuurpsychologische studie over de religieuze waarneming en de zogenaamde religieuze prjectile", é uma ampla discussão com S. Vestdijk e F. Sierksma acerca do processo de projeção aplicado à religião (Bailey, 1988). Com Willem Berger, que sucedeu a Fortmann na Cadeira de Psicologia da Religião, iniciou-se uma psicologia da religião empírica (Berger, 1984), que continua nos vários projetos de pesquisa de que tratarei mais adiante.

3.2 Enfoque teórico e metodológico

Acredito que a linha mestra, que tem dado unidade à Escola de Nijmegen, é o entendimento da relação entre logos e mito (Berger, 1984), entre o logos filosófico, científico e moderno e o mito como "narrativa das festas e dos lutos celebrados juntos" (id.ibid. p.7). A compatibilidade ou a incompatibilidade de ambos os tipos de pensamento foi, com Fortmann, estudada fenomenologicamente, a partir da literatura de impressões e de testemunhos pessoais, inclusive de acadêmicos; depois de Fortmann, a psicologia de Nijmegen tornou-se resolutamente empírica. Um desenvolvimento interessante, que veio a se constituir em conceito-chave dos estudos de Nijmegen, é o que subsumiu a noção de religião sob a noção de visão de vida (levensbeschouwing), ou visão de mundo. Trata-se, como se verificou posteriormente, de uma noção heurística (van der Lans e Berger, 1987), mas tem a vantagem de orientar o objeto da Psicologia da Religião para uma área tradicional da Psicologia Social cognitiva, a dos sistemas de crenças (van der Lans, 1986). Várias pesquisas, citadas por Berger (1984), têm demonstrado como a visão de vida pode ser, ou não, religiosa, segundo existe, ou não, um quadro de referência composto pelos mitos das tradições religiosas próprios às várias culturas. Um exemplo a destacar é a análise comparativa e teórica que faz van der Lans (1982) das técnicas de meditação.

3.3 Linhas de pesquisa

No programa de pesquisas da Unidade de Psicologia da Religião para o qüinqüênio 1988-1993 é apresentada tão só uma uma linha de pesquisa, porém com várias

linhas de projeto subordinadas. A linha de pesquisa é denominada "Comportamento religioso e comportamento significativo (meaning-giving) na sociedade moderna". As linhas de projeto, que compreendem vários projetos, são as seguintes: Modernização e socialização das visões de mundo: Religiões de minorias étnicas; Os intelectuais e a religião; Função da religião e da visão de mundo nas crises da vida; Desenvolvimento de métodos para medida e análise da linguagem metafórica. Vários dos projetos estão em fase de conclusão ou em andamento. Um projeto intitulado "Ciência e visão de vida" pretende responder a três questões: Como se relacionam os cientistas com as representações simbólicas e os rituais de uma visão de mundo religiosa? Será que a ciência estimula interrogações sobre a moral e o sentido da vida? Como avaliar a educação que a Universidade fornece sob esse ponto de vista? Um estudo piloto (ten Haaf e Timmermans, 1986), com cientistas de todos os ramos da Universidade, revelou bastante unanimidade quanto ao conceito e à terminologia da ciência e, ao contrário, muito desacordo quanto aos conceitos e termos de visão de mundo e fé; verificou, também a dificuldade de se construir grupos homogêneos, uma vez que a homogeneidade se revela de forma bastante pessoal em cada cientista.

3. 4. Definição de Psicologia da Religião

A Escola de Nijmegen, nas palavras de seu atual diretor, propõe que a Psicologia da Religião estude "aquela parte do comportamento humano que diz respeito à busca de um sentido último, seja ele religioso ou secular" (van der Lans, 1986, p. 79). Segundo van der Lans, uma abordagem ao fenômeno religioso orientado pela psicologia deveria situar-se num patamar de abstração que incluísse aspectos-chaves dos sistemas revelacionais e das visões de mundo não-revelacionais, pois que ambas as categorias lidam com o mesmo aspecto comportamental de transcender o cotidiano e ordinário da vida. Uma definição de Psicologia da Religião poderia, pois, ser o estudo dos sistemas de sentido de vida – revelacionais ou não – enquanto produtos culturais acessíveis ao homem através dos processos cognitivos.

4. Psicologia da Religião na Universidade de Uppsala

4.1 Histórico

A moderna Psicologia da Religião na Suécia organizou-se ao redor de Hjalmar Sundén (nascido em 1909), desde que, em 1967, por decisão do parlamento sueco, foi-lhe criada a cátedra de Psicologia da Religião na Faculdade de Teologia da Universidade de Uppsala. Sundén é conhecido por ter desenvolvido uma teoria própria, em Psicologia da Religião, a saber, a teoria da adoção de papéis. Contudo, até bem recentemente sua influência esteve circunscrita ao ambiente escadinavo e germânico. Isso se deve ao fato de a maior parte de sua extensíssima bibliografia estar escrita em sueco, com exceção de sua grande obra, Religião e adoção de papéis, que conheceu uma tradução em alemão em 1966, e de alguns artigos mais recentes em inglês e francês. Somente em 1987 a Society for the Scientific Study of Religion, que edita o Jornal for the Scientific Study of Religion, organizou um simpósio para introduzir Sundén entre os estudiosos norte-americanos. Desse simpósio participaram, entre outros, discípulos de Sundén e continuadores de sua obra, como O. Wikström e T. Källstad, este último antigo editor da série Psychologia Religionum, da Universidade de Uppsala.

4.2 Enfoque teórico e metodológico

Como notam Keilbach e Krenn (1980), a "teoria dos papéis" é uma combinação da psicologia da percepção e do conceito de papel. Da primeira, Sundén retira a idéia de que a percepção não é nenhum registro mecânico dos dados dos sentidos, mas, ao contrário, uma experiência que ocorre no contexto de disposições, motivações e quadros de referência. A psicologia social lida com a apropriação de papéis, tanto no sentido mais comum de expectativas ligadas a uma posição, como na acepção de antecipação, numa situação dual, do comportamento de outrem. A originalidade de Sundén foi de relacionar, de forma sistemática, percepção e papel à religião. A experiência religiosa ocorre, então, quando há uma reestruturação perceptual da situação envolvendo a interação com Deus. Isso é possível dentro de tradições religiosas que informam como se comportaram Deus e o homem em dada situação. Mediante a assunção do papel do parceiro humano, em situação análoga, a pessoa religiosa adota o papel de Deus, ou seja, antecipa o comportamento divino em relação a ela mesma. Tem-se, então, a experiência da interação com Deus (Unger; Capps, 1982; Källstad, 1987; Wikström, 1987). Do enfoque teórico cognitivo, derivam as estratégias de pesquisa, que privilegiam a história de vida, o estudo de caso, a (auto)biografia, em suma, a utilização de documentos pessoais.

4.3 Linhas de pesquisa

Os trabalhos da Escola de Uppsala têm-se voltado preponderantemente para o estudo da experiência religiosa atestada na tradição cristã. Episódios bíblicos e escritos místicos têm fornecido a maior parte do material de pesquisa. Entre os místicos, há os clássicos, como Agostinho, Teresa de Avila, Brígida da Suécia, Inácio de Loyola, e outros como Wesley, Newman e diversos religiosos suecos, como Hammarskjöld, Dahlén, Tingsten e Gyllentierna. Alguns desses estudos podem ser encontrados em Källstad (1978). Wikström (1987) cita várias pesquisas que se utilizam da teoria, algumas delas de caráter experimental, porém a grande inspiração, a meu ver, são os relatos da Escritura e dos místicos.

4.4 Definição de Psicologia da Religião

A Escola de Uppsala poderia definir a Psicologia da Religião como o estudo da reestruturação perpectual de um evento que, de um enquadramento cognitivo ordinário, ou técnico (profano), passa a um enquadramento religioso, no qual é percebido como uma interação entre o homem e Deus. Note-se que o enfoque psicológico da percepção e do papel permite, igualmente, a abordagem do fenômeno oposto da descrença ou da secularização.

5. A Psicologia da Religião da Escola de Dorpat e da Internationale Gesellschaft

5.1 Histórico

A identidade dessa Escola é muito menos pronunciada hoje em dia do que o foi desde seu início, na década de 10, até a II Guerra Mundial. Até aquela época, com efeito, a Escola de Dorpat (posteriormente Tartu, hoje Yuriev, na Estônia) reunia, ao redor de nomes de projeção, como Girgensohn e Gruehn, um grupo de pesqui-

sadores que se distinguiam pelo emprego de estrita metodologia experimental, conhecida como introspecção experimental sistemática. Essa metodologia fora proposta por Wundt para o estudo da experiência imediata e fora estendida por Külpe para o estudo dos processos mentais superiores, entre os quais o da experiência religiosa. Com a II Guerra Mundial, a Escola foi literalmente desmantelada e hoje sobrevive com a publicação, iniciada em 1914, do Achiv für Religioonspsychologie. Apesar de bem mais aberta hoje em dia a contribuições da moderna psicologia acadêmica, a revista até há poucos anos mantinha-se muito mais como expressão religiosa da psicologia do que como expressão psicológica da religião. Por essa razão, aliada a uma certa introversão germânica da Gesellschaft, deu ocasião ao aparecimento da Associação dos Psicólogos Europeus da Religião (Berger, 1980; Wulff, 1985*b*).

5.2 Enfoque teórico e metodológico

Embora, com o tempo, tenham sido admitidos como complementares procedimentos holísticos e recursos da psicologia profunda, é característico da Escola valer-se da introspecção experimental sistemática, ou seja, da auto-observação de sujeitos treinados em ambiente controlado, para descrever a estrutura elementar da experiência religiosa individual consciente. A Escola não pretende explicar e sim compreender essa experiência, e a descrição adapta-se perfeitamente à índole fenomenológica das Ciências do Espírito e da Religionswissenschaft clássica.

5.3. Linhas de pesquisa

Podemos dizer que, com variações menores, um mesmo tema articulou os trabalhos de Dorpat: a experiência religiosa original do indivíduo. Inicialmente essa experiência foi investigada no adulto instruído, capaz de se observar e de relatar suas observações. Esse adulto, foi, mesmo, considerado o sujeito por excelência. Desse estudo resultou ser a estrutura religiosa, anteriormente a qualquer representação ou volição, um sentimento, isto é, um estado afetivo indiferenciado, caracterizado por um vínculo pessoal muito forte com a idéia de Deus. Estruturalmente, pois, a religião é um estado subjetivo radical, voltado, no entanto, para fora do sujeito, a saber, para a idéia de Deus. Uma vez descoberta a estrutura fundamental da experiência religiosa, realizaram-se muitos estudos com crianças e adolescentes e com pessoas não-particularmente instruídas. Esses estudos ora tinham objetivo mais científico, qual seja, o de revelar a particular modalidade dos elementos estruturais da experiência em foco, ora tinham finalidade prática, a saber, a orientação pastoral com vista a uma religiosidade amadurecida. Alguns resultados revelaram-se instigantes. Vogel, por exemplo (apud Wulff, 1985*b*), concluiu pela íntima associação, nos primeiros anos da infância, entre a mãe e Deus; Nobiling (id. ibid.) acompanhou o desenvolvimento da experiência de Deus com o desenvolvimento da capacidade de abstração; Gruehn (id. ibid.) sugeriu que na experiência dos valores, dentre os quais o religioso aparece como o mais plenamente genuíno, é necessário um mínimo de relação positiva com o valor para se chegar, até, a rejeitá-lo. O interesse pela individualidade produziu, como é de se esperar, algumas tipologias, Gruehn (apud Wulff, 1985*b*), baseando-se na predominância do elemento vínculo pessoal, ou, alternativamente, idéia de Deus, distinguiu, no primeiro caso, o tipo místico e, no segundo, o tipo racional; no caso de equilíbrio entre os elementos da estrutura, falou do tipo que denominou piedade simples ou viva.

6. Definição de Psicologia da Religião

Uma definição que não seria infiel aos pressupostos teóricos e metodológicos da Escola poderia partir do testemunho da experiência de Deus, como historicamente revelado no cristianismo, para chegar aos elementos estruturantes dessa experiência. Seria, pois, a Psicologia da Religião, o estudo empírico da estrutura fundamental da experiência religiosa, ou seja, "de seus dois elementos essenciais: 1) os pensamentos intuitivos do divino, reconhecidos ou aceitos como próprios da pessoa; e 2) a convicção pessoal de que o objeto desses pensamentos constitui uma realidade inquestionável" (Wulff, 1985*a*,p. 31).

2. Semelhanças e diferenças entre as correntes ou Escolas européias de Psicologia da Religião.

A leitura do histórico, do enfoque teórico e metodológico, das linhas de pesquisa e da própria definição de Psicologia da Religião, permite reconhecer as semelhanças e as diferenças entre as diversas correntes abordadas até aqui. As várias fisionomias revelam, de um lado, laços de parentesco; de outro, não escondem as diferenças individuais. Agrupar traços comuns e características próprias é o que pretendo na análise a seguir.

6.1 Histórico

Todas as correntes surgiram e se consolidaram no âmbito de uma instituição confessional católica ou protestante. A instituição é uma universidade ou um instituto de pesquisa. Essa origem conduz a uma situação ambígua, pois vincula o estudo psicológico da religião a interesses da organização eclesiástica, mas, por outro lado, o emancipa, enquanto pesquisa científica, dessa mesma tutela. De outro ponto de vista, pelo fato de não terem surgido esses centros de estudo diretamente do grêmio da psicologia, sua dinâmica não é alimentada pelas forças próprias do campo dessa disciplina e isso conduz a um certo distanciamento entre os pesquisadores da Psicologia da Religião e da psicologia *tout-court*. Na minha impressão, apenas Nijmegen tem-se feito inspirar pela problemática da psicologia, porém, com a atenuação de algumas feições próprias do objeto específico.

6.2 Enfoque teórico e metodológico

É fora de dúvida que o diverso entendimento de qual seja o objeto da psicologia da religião não conduziu à diversidade de enfoque epistemológico. As Escolas de Lovaina, de Uppsala e de Dorpat incluem, no objeto de seus estudos, a relação com o sobrenatural revelado (geralmente, embora não necessariamente, pessoal e cristão); a Escola de Nijmegen considera a relação com o sobrenatural revelado apenas como uma das possibilidades do esforço humano em dar sentido à existência. Nenhuma das Escolas, contudo, admite estar fazendo teologia, ou seja, estar elaborando um objeto aceito como existente independentemente da atitude religiosa. Todas essas Escolas, como exceção da Internationale Gesellschaft, encaram seu objeto como um dado cultural, inscrito numa tradição religiosa ou, no mínimo, pela religião. O grande trabalho de Lovaina (Vergote & Tamayo, 1981) sobre as figuras parentais e a representação de Deus em diversas culturas, os estudos de Nijmegen (van der Lans, 1982) e Uppsala (Sundén, 1965) sobre o contexto propiciador de uma percepção religiosa, ou especificamente, de um papel religioso, desenvolveram-se no registro psicossocial e cultural. A diversidade entre as Escolas

persiste por conta das preferências teóricas, e daí metodológicas: para Lovaina, o enfoque psicanalítico e o método clínico ou procedimentos empíricos; para Nijmegen e Uppsala, os referenciais cognitivos, as teorias psicossociais, com suas várias estratégias de investigação. O que todas elas procuram, no entanto, são as condições, as modalidades e as conseqüências, para o indivíduo, do encontro com indicadores culturais religiosos. A escola de Dorpat faz exceção, porquanto interessada em descobrir laboratorialmente a estrutura da experiência religiosa: a preferência pela pesquisa de laboratório tende a diluir o interesse por contextos outros de ocorrência do fenômeno e Dorpat foi disso uma confirmação. Embora tenha afirmado que as descobertas experimentais revelavam a estrutura de quaisquer experiências religiosas (Vettö, 1971), a Escola não julgou necessário comprová-lo. Em todo o caso, Dorpat iniciou uma polêmica metodológica que longe está de esgotar-se, a saber, qual a possibilidade de se estudar experimentalmente a experiência religiosa (Déconchy, 1985).

6.3 Linhas de pesquisa

Cada uma das Escolas tem um tronco de pesquisas bastante discernível, um clima teórico facilmente reconhecível. Lovaina articula suas pesquisas praticamente ao redor do Complexo de Édipo: aí entram as representações de Deus, os componentes parentais, os conflitos entre crença e descrença – com particular destaque para o ateísmo –, o ritmo de desenvolvimento religioso, as atitudes como amadurecimento psicológico da experiência. Nijmegen se ocupa com as relações entre o pensamento mitológico e o pensamento lógico, e insere nessas relações o fenômeno da secularização, a política como forma de visão do mundo, os novos movimentos religiosos, a atitude do profissional da razão frente à tradição mítico-religiosa. Uppsala se tem ocupado com as condições concretas de possibilidade da percepção religiosa, a saber, as tradições religiosas históricas, e com isso tem deslocado certa ênfase subjetiva do fenômeno da experiência religiosa para as condições objetivas de sua possibilitação, sob forma de assunção de papéis. Tem preferido estudar o fenômeno religioso em grandes vultos históricos, mas o conceito central de papel permite abordar, igualmente, experiências mais comuns e compartilhadas, graças, por exemplo, ao papel de "povo de Deus". Dorpat, finalmente, ao menos em seu programa original, propôs-se investigar o fenômeno religioso em seus constituintes universais conscientes, na linha do projeto primeiro da psicologia de laboratório de Wundt. Como as linhas de pesquisa em seu respectivo clima teórico é que dão a fisionomia das várias correntes, é óbvio que elas muito mais distinguem do que assemelham as diversas Escolas, cujo ponto comum é o objeto da pesquisa definido grosso modo e a aceitação de métodos reconhecidos pela Psicologia.

6.4 Definição de Psicologia da Religião

Todas as correntes concordam em que a Psicologia da Religião lida com o comportamento humano e não com o termo intencional desse comportamento, a entidade sobrenatural em sua eventual existência independente do comportamento religioso. Como todas essas correntes se originaram e se desenvolveram em culturas cristãs, todas se referem a Deus como mediado pelo cristianismo e essa restrição talvez impeça atingir certas modalidades de experiência e atitude religiosas. A maior diferença na definição encontra-se entre Nijmegen e as outras Escolas, uma vez que Nijmegen não privilegia a relação com o transcendente sobrenatural, típi-

co da orientação teológica, reduzindo-o a uma das possíveis formas de se dar sentido à existência humana, o que seria mais consentâneo com uma perspectiva estritamente psicológica.

3. Psicologia da Religião na Europa e nos Estados Unidos.

Vou limitar-me a algumas comparações, sugeridas mais pelo contato direto com a psicologia européia do que pelo levantamento das coincidências e oposições na literatura especializada.

A primeira consideração é a de que as duas psicologias tendem a ignorar-se em larga medida. A psicologia americana não cita os trabalhos europeus, com exceção dos ingleses, e a psicologia européia tem seus modelos teóricos, seu corpo de pesquisas, seus intercâmbios internos. Naturalmente essa é uma descrição carregada, mas não infiel. Na primeira resenha sobre Psicologia da Religião a aparecer na Annual Review of Psychology, Gorsuch (1988) apresenta a psicologia da religião tipicamente a partir de "estudos em inglês de cristãos protestantes" ou como "a psicologia do protestantismo americano" (p. 202). Dos 82 autores citados, 79 são americanos. De outro lado, em Religion, Foi, Incroyance, Vergote (1983), nos três primeiros capítulos, cita 60 autores americanos contra 128 europeus. Current Issues in the Psychology of Religion (van Belzen & van der Lans, 1986), que são os anais do 3º Congresso de Psicologia da Religião na Europa, fazem referência a 170 europeus e a 128 americanos.

Do ponto de vista do que Gorsuch (1980) rotula de "comprometimento intrínseco com o cristianismo americano" (p. 202), colhe-se a indicação do que pôde ter criado duas atmosferas bastante diferentes no estudo psicológico da religião: nos Estados Unidos o cristianismo protestante é antes de tudo denominacional, enquanto na Europa o cristianismo é eclesial, seja como catolicismo, seja como protestantismo. Essa diferença pode ter levado, no primeiro caso, a uma caracterização mais local e individual e a uma definição mais pluriforme da religião, que encaminharam uma abordagem mais fatorial, correlacional e, mesmo, causal do fenômeno religioso, ao passo que, na Europa, conduziram a uma definição mais homogênea, tradicional, isto é, contextualizada na tradição, descritiva, interpretativa e clínica. Novamente, trata-se de uma caracterização exagerada – haja vista, destacadamente, os numerosos estudos quantitativos de Lovaina e Nijmegen – mas tampouco infiel: o tratamento estatístico dos artigos publicados no JSSR é geralmente mais exigente e apurado do que nas publicações européias e a discussão da medida é crucial na psicologia americana (Gorsuch, 1984).

Uma outra diferença, por certo não independente da discussão anterior, é a incidência do fenômeno da secularização no estudo da religião, maior nos Estados Unidos do que na Europa. A religião, transmigrada de um corpo eclesial para um corpo civil, tornou-se a religião civil; a inexistência de uma instituição religiosa em larga medida identificada com a instituição social, apressou a substituição do quadro de referência religioso.

Ainda outra notável diferença a julgar pela constatação de Gorsuch (1988) de que a psicologia americana estuda a religião quase só do ponto de vista da motivação, é o enfoque de Nijmegen e de Uppsala, que encaram a religião antes de tudo como uma rede de sentido e uma organização perceptual.

Nos últimos anos parece estar havendo aproximação entre as duas psicologias. De um lado, os autores europeus estão menos relutantes em publicar em inglês, de outro, instituições e estudiosos americanos têm-se interessado pelo que a Europa

produz no campo. Assim, a Society for the Scientific Study of Religion organizou um simpósio sobre Sundén, confiando-o exclusivamente a estudiosos europeus (JSSR), recentemente, Bailey (1988) procurou trazer ao conhecimento de seus leitores alguns importantes teóricos holandeses da projeção religiosa; Wulf (1985*b*) chega a admitir a retomada da inspiração, senão do método, de Dorpat para revigorar o que considera a anemia dos atuais métodos de pesquisa em Psicologia da Religião nos Estados Unidos. Se uma fusão, de resto improvável, entre as duas psicologias diluiria a peculiaridade da psicologia européia, um intercâmbio maior seria saudável para ambos os lados, pois permitiria o equilíbrio teórico e metodológico da pesquisa. É o que permite esperar o anunciado lançamento do International Journal of the Psychology of Religion, com a editoria de L. B. Brown (Austrália) e H. Newton Malony (Estados Unidos) e uma Comissão Editorial integrada por cientistas de quinze países.

7. Conclusão

O tema central deste artigo foi a atual Psicologia da Religião na Europa. Indiquei como, a partir dos anos 60, algumas instituições universitárias se empenharam em criar e desenvolver a pesquisa em Psicologia da Religião. Conforme a instituição, distingui algumas correntes dotadas de maior consistência e envergadura, que denominei de Escolas. Lovaina, Nijmegen e Uppsala são os centros que as abrigam. Acrescentei uma quarta Escola, a de Dorpat ou da International Gesellschaft, em relação à qual as outras três se consolidaram.

Assim, a Psicologia da Religião na Europa não é una, uma vez que, mais que de assuntos ou temas, há razoável diferença de enfoques teóricos e de procedimentos metodológicos entre essas Escolas. De cada Escola retracei um breve histórico, o enfoque teórico e metodológico, as linhas de pesquisa e a definição de Psicologia da Religião.

Num segundo momento, foi-me possível comparar essas Escolas, umas com as outras, nos itens acima citados.

Finalmente, passando por cima das diferenças entre as Escolas européias, cabia uma comparação com a Psicologia da Religião norte-americana, de longa tradição e de reconhecido vigor contemporâneo.

Nessa parte, julguei mais importante indicar, nos paralelos, as diferenças que esclarecem a peculiaridade da Psicologia da Religião nos Estados Unidos e na Europa.

Abstract

Four contemporary European Schools of Psychology of Religion, viz. Louvain, Nijmegen, Uppsala and Dorpat are presented and discussed under the following items: history, theoretical & methodological standpoints, research lineas, and definition of Psychology of Religion. All of the Schools are, next, compared on each of the above items, in order to find out likenesses and differences among them. Finally, European Psychology of Religion is brought together with American Psychology of Religion, in order to specify their natural complementarity. Key-words: Psychology of Religion, European Psychology of Religion.

Referências bibliográficas

Bailey, L. W. Religious projection: a new European tour. *Religious Studies Review, 14*, 207-11,1988.

Berger, W. J. Opening speech. *Proceedings of the Colloquy of European Psychologists of Religion at Nijmegen.* Nijmegen: Katholiek University, Internal Report 80 CG 01, p. 10-13, 1980.

——. *Logos en Mythos.* Een empirisch-psychologische benadering van de verhouding tussen levensbeschouwing, geloof en wetenschapsbecefening. Baarn: Ambo, 1984.

Bocquet, E. Profils de non-croyance et réprésentation de Dieu. Université Catholique de Louvain. *Mémoire,* 1982.

——. Some characteristics of God's figure as perceived by unbelievers. In: van Belzen & van der Lans, op. cit. 225-33, 1986.

Capps, Sundé's Role-Taking Theory: the case of John Henry Newman and his Mentors. *J. Sci. Study of Rel, 21,* 58-70, 1982.

Déconchy, J. –P. Non experimental and experimental methods in the Psychology of Religion. In: L. B. Brown (ed.), *Advances in the Psychology of Religion.* Oxford: Pergamon, 52-61, 1985.

Dumoulin, A. & Jaspard, J. -M. *Les médiations religiuses dans l'univers de l'enfant.* Bruxelles: Lumen Vitae/Leuven: Leuven University Press, 1973.

Gorsuch, R. L. Measurement: the boon and bane of investigating religion. *Amer. Psychologist, 39,* 28-36, 1984.

——. Psychology of Religion. *Ann. Rev. Psychol., 39,* 201-21, 1988.

Hutsebaut, D. Onderzoek in het Centrum voor Godsdienstpsychologie. In: D. Hutsebaut & J. Corvelijn (eds.), *Over de grens:* de religieuze 'behoefte' kritisch onderzocht. Leuven: Leuven Universitaire Pers, 223-36, 1987.

Jutsebaut, D. & Verhoeven, D. The adolescents' representation of God from age 12 till age 15. In: van der Lans 7 van Belzen (eds.) *Proceedings of the 4th Symposium on the Psychology of Religion in Europe.* Nijmegen: Katholieke Universiteit, p. 147-155, 1989.

Journal for the Scientific Study of Religion (JSSR), Symposium on H. Sundén's Role-Theory of Religion, *23* (3), 1987.

Källstad, T. *Psychological studies on religious man.* Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, Psychologia Religionum, 7, 1978.

——. The application of the religio-psychological Role Theory. *J. Sci. Study of Relig., 26,* 367-74, 1987.

Keilbach, W. & Krenn, K. Hjalmar Sundén zum siebzisgsten Geburtstag. Archiv f. Religionspsychologie, 14, 5-6, 1980.

Sundén, H. What is the next step to be taken in the study of religious life? *Harvard Theol. Rev., 28,* 445-51, 1965.

——. *Die Religion und die Rollen. Eine psychologische untersuchung der Fr' ommigkeit* (1959). Berlin: Töpelmann, en Haaf, N. & Timmermans, C., Wtenschap en Levensbeschouwing. Nijmegen: Katholiek Universiteit. Internal Report, 1986.

Van Belzen, J. A. & van der Lans, J. M. (eds.) *urrent Issues in the Psychology of Religion.* Amsterdam Rodopi, 1986.

Van der Lans, J. M. Meditation: a comparative and theoretical analysis. *Annual Rev. Social Sci. of Relig., 6,* 133-52,1982.

——. Two opposed viewpoints concerning the object of the Psychology of Religion. In: van Belzen & van der Lans, op. cit. p. 76-81, 1986.

——. & Berger W. De religieuze beheofte in het sociaal-wetenschappelijk onderzoek. In: D. Hutsebaut & J. Corvelijn (eds.), op. cit., 19-37, 1987.

Vergote, A. *Psychologie Religieuze.* Bruxelles, Dessart, 1966.

——. *Dette et Désir. Deux axes chrétiens et la dérive pathologique,* Paris, Seuil, 1978.

——. *Religion, Foi, Incroyande:* Etude psychologique. Bruxelles, Mardaga, 1983.

——. & Tamayo, A. (eds.) *The Parental Figures and the Representation of God. A psychological and cross-cultural study.* The Hegue Mouton, 1981.

Vetto, L. Bedeutung und Grezen der experimentellen Methode in der Religionspsychologie. *Archiv f. Religionspsychologie, 10,* 275-85, 1971.

Unger, J. *On religious experience. A psychological study.* Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, Psychological Religionum, 6, 1976.

Kikström. O. Attribution, roles and religion: a theoretical analysis of Sundén's Role Theory of Religion and the attributional approach to religious experience. *J. Sci. Study of Relig., 26,* 390-400, 1987.

Wulff, D. Psychological Approaches. In: F. Whaling (ed.), *Contemporary Approaches to the study of Religion.* V.2 The Social Sciences. Berlin, Mouton, 21-88, 1985*a*.

——. Experimental introspection and religous experience: The Dorpat School of Religous Psychology. *J. of. the Hist. of the Behav. Sci., 21,* 131-50, 1985*b*.